

O ESPAÇO AGRÁRIO PELA ÓTICA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO E DA PAISAGEM

DOI: 10.4025/revpercurso.v8i1.29538

Fernanda Perdigão da Fonseca Toniol

Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Geografia da
Universidade Estadual de Maringá
ferperdigao@hotmail.com

Elpídio Serra

Docente do Programa de Pós Graduação em Geografia da
Universidade Estadual de Maringá
e-mail: serraelpidio@gmail.com

Janice Costa da Silva Fauro

Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Geografia da
Universidade Estadual de Maringá
e-mail: janice_smi@hotmail.com

RESUMO: A intensa dinâmica verificada no espaço agrário, consoante aos diferentes modelos agrícolas pelo qual vem sendo submetido, requer que sua análise esteja ancorada em bases conceituais sólidas para sua melhor compreensão. Respaldaado nesta premissa, é que este trabalho procura, a partir dos conceitos balizadores do escopo geográfico, a saber, o “espaço geográfico” e a “paisagem”, analisar e compreender o movimento e dinâmica deflagrados no espaço agrário da região Noroeste do Paraná. Palco de profundas transformações, desde a época de sua colonização na década de 1940, quando a cultura cafeeira alavanca a economia regional trazendo consigo toda uma organização peculiar sustentada pela pequena propriedade, trabalho familiar e vínculo direto com a terra, esta região se constitui em um propício laboratório para efeito de estudos do contexto agrário. Mais recentemente, o novo modelo agrícola carrega em suas bases o aprofundamento das relações com o capital, através de lavouras como a pastagem, cana-de-açúcar, mandioca, laranja, dentre outras, marcando assim uma nova forma de organização espacial pautada na concentração fundiária e relações de trabalho assalariado. Revelado este complexo cenário agrário regional, compreende-se que a partir da ótica estabelecida pelo espaço geográfico e pela paisagem, torna-se possível apreender o comportamento da dinâmica dos agentes e atores que constroem este espaço.

Palavras-chave: Espaço geográfico; Paisagem; Noroeste do Paraná; Espaço Agrário.

THE AGRARIAN SPACE BY GEOGRAPHIC SPACE OPTICAL AND LANDSCAPE

ABSTRACT: The intense dynamics observed in the agrarian space, according to different agricultural models for which has been submitted, requires that its analysis is anchored in solid conceptual foundation for a better understanding. Supported this premise, it is that this work tries, from benchmarks concepts of geographic scope, namely the "geographic space" and "landscape", analyze and understand the motion and dynamics triggered in the agricultural area of the Paraná Northwest. Stage of deep transformations, from the time of its colonization in the 1940s, when the coffee culture leverages the regional economy bringing with it a whole peculiar organization supported by small property, family work and direct link to the land, this region constitutes a Lab conducive to the agricultural context study purposes. More recently, the new agricultural model carries on bases closer relations with the capital through crops such as grazing, sugarcane, cassava, orange, among others, marking a new form of spatial organization guided by the concentration land and employment relationships. Revealed this complex regional agrarian scenario, it is understood that from the perspective established by the geographical space and the landscape, it becomes possible to grasp the dynamic behavior of the agents and actors that make this space.

Key-words: Geographical space; Landscape; Northwest of Paraná; Agrarian space.

1. INTRODUÇÃO

O paradoxo da permanente (re)configuração e (re)organização do espaço agrário, trazendo novos arranjos entre as mais diversas esferas que o compõe (social, econômica, ambiental), gera a necessidade de uma intensa e contínua investigação destas questões por parte dos estudiosos, que precisam estar atentos a esse constante movimento da realidade.

Neste sentido, considera-se os mais diversos ramos das ciências humanas que buscam compreender este complexo conjunto de transformações no cenário agrário através de diferentes teorizações, tais como a sociologia, filosofia, história, economia, dentre outras. Ainda no rol destas ciências que se debruçam para melhor apreender a realidade posta bem como sua dinâmica é que destaca-se aqui a ciência geográfica, dadas as suas categorias de análise ou ainda conceitos balizadores, como requerem alguns (SUERTEGARAY, 2001), que bem expressam e caracterizam tal realidade. Dentre estas categorias, merecem destaque, o espaço geográfico, a paisagem, território, região e lugar, sendo que cada qual representa um intenso debate acadêmico em torno de suas conceituações.

A presente pesquisa procura utilizar dois destes conceitos balizadores do escopo geográfico, a saber, o “espaço geográfico” e a “paisagem”, como respaldo para a análise do movimento e dinâmica deflagrados no espaço agrário. O intuito em se ater a esses conceitos como base principal para a melhor compreensão da realidade no contexto agrário, expressa, além da necessidade de analisar com maior ênfase algumas nuances deste cenário, a dimensão que estes retratam quando caracterizam, espacializam e delineiam o espaço rural, alcançando tanto os seus aspectos econômicos, culturais, sociais, políticos e ainda em sua totalidade. Ainda neste sentido, compreende-se, a partir da ótica estabelecida pelo espaço geográfico e pela paisagem, o comportamento da dinâmica dos agentes e atores que constroem o espaço agrário. Outros conceitos geográficos poderiam ser também trabalhados, como território e região, contudo, a escolha destes se dá em função da temática com a qual se está tratando, o espaço agrário.

Para tanto, foi elencada como área de estudos, sujeita a investigação que perpassa pelas referidas categorias da análise geográfica, a mesorregião Noroeste do Paraná e tendo o contexto agrário relativo à mesma como objeto de pesquisa, justamente por se tratar de um espaço que apresenta significativa intensidade no que concerne as transformações no espaço rural, desde à época de sua colonização até os dias atuais.

Colonizada a partir da década de 1940, a mesorregião Noroeste paranaense teve como seu primeiro ciclo econômico a cultura do café, oriunda num primeiro instante da região Oeste paulista e posteriormente do Norte Pioneiro e Norte Novo paranaense. Uma das peculiaridades da área de estudo tomada como referência para esta abordagem, já começa a ganhar forma neste momento inicial de ocupação, visto que, as condições geoecológicas regionais típicas aliadas à colonização dirigida para a cultura cafeeira, gerou um cenário agrícola de diversidades entre culturas comerciais principais (café, pastagem, algodão) e culturas destinadas à subsistência (feijão, milho, arroz e outros). Este entrelaçamento de culturas diversas com diversas finalidades conferiu e ainda confere ao Noroeste do Paraná, características próprias não encontradas nas áreas próximas de colonização contemporânea a mesma (FONSECA, 2006).

Desta forma, as articulações engendradas pelo capital no campo nesta região, assim como as novas configurações decorrentes deste processo são aqui tratadas a partir de um diálogo teórico-metodológico que aponta para a apreensão das transformações decorrentes deste dinâmico processo que se reflete na paisagem local/regional.

Neste sentido, compreende-se que tal viés alicerça a tentativa de, embasar uma concepção científica da complexa e contraditória realidade, nunca perdendo de vista que “as verdades científicas, em geral, significam graus do conhecimento, limitados pela história, mas, (...) este relativismo não significa reconhecer a incapacidade de o ser humano chegar a possuir a verdade” (TRIVIÑOS, 2012, p.51).

As técnicas de pesquisa utilizadas para este fim foram arregimentadas dentro do arcabouço sustentado pelas bases de uma pesquisa qualitativa, a qual, de acordo com Pessoa (2012, p. 13), vem retomar, técnicas de pesquisa já anteriormente utilizadas como o trabalho de campo e observação aliando-se ao estudo de caso. A mesma proporciona, através de um corpo teórico-metodológico e técnicas consistentes, condições para explicar as contradições e complexidades do objeto de estudo.

Para tanto, investigar e analisar estas diversas características e formas, bem como suas transformações, reconfigurações e ressignificações no espaço referido, requer reconhecer, para além dos aspectos constituintes da paisagem, a trajetória de ocupação do território e intenções atreladas a esta.

A singularidade deste espaço no que tange a sua dinâmica, movimento e complexidade no cenário agrário aliado, muitas vezes, aos mandos e desmandos do capital, que, acompanhando sua conjuntura econômica global estimula de forma direta ou indireta o avanço e/ou retração das culturas agrícolas mais vantajosas para cada época (café, pastagem, cana-de-açúcar, laranja, e outros), sinaliza a sua escolha.

Tais mudanças, no que se refere aos diferentes modelos agrícolas implantados em determinados momentos, registradas no decorrer do processo histórico do Noroeste paranaense, implicam não somente em uma mudança na pauta agrícola, mas em transformações muito mais significativas que afetam toda a organização do espaço, como a estrutura fundiária através da concentração de terras versus os conflitos pela posse da terra, alta valorização do mercado imobiliário de terras, a organização social através de novas articulações nas relações de trabalho/mão-de-obra, o aumento da marginalização/violência urbana, rearranjo do espaço urbano pelo surgimento de novos bairros e áreas industriais, fomento do setor terciário, construção civil, dentre outros aspectos.

Levando em consideração este caráter singular e dinâmico do espaço estudado, que se molda pela significativa intensidade com que o capital do campo se instala e provoca tais transformações na organização deste espaço, é que se observa analiticamente a mutação das formas (pretéritas e atuais) que o compõe. Assim também, as múltiplas e variadas funções atribuídas a estas formas pela sociedade ao longo do tempo, de acordo com os interesses que a rege, ou seja, segundo os interesses dominantes do capital, aponta para a escolha destes dois conceitos próprios dos estudos geográficos como balizadores deste trabalho, a paisagem e o espaço geográfico.

Segundo Milton Santos (2004), a paisagem como a categoria de análise direcionada para a materialidade, as formas (e suas funções) encontradas no espaço, e o espaço geográfico a esfera mais abrangente que abarca juntamente com estas formas, as ações e intencionalidades humanas. Estes dois níveis de abordagem aqui utilizados, a paisagem e o espaço geográfico, tem em si um caráter complementar, como esclarece a autora Suertegaray (2001, p. 05), quando define a paisagem como “um conceito operacional, ou seja, um conceito que nos permite analisar o espaço geográfico sob uma dimensão, qual seja o da conjunção de elementos naturais e tecnificados, socioeconômicos e culturais” e ainda que expressa, “uma possibilidade de leitura do espaço geográfico delineando, portanto, um caminho metodológico”.

A escolha destes conceitos alicerça este trabalho visto que seus valores significativos e conceituais corresponderam ao conhecimento prévio da realidade estudada, coadunando assim com Milton Santos (2004), quando afirma que o conhecimento pressupõe a análise, entende-se aqui que a ótica conceitual pela qual se analisa o fenômeno ou espaço em questão foi intelectualmente amadurecida *a posteriori* conhecimento empírico da realidade. O referido geógrafo ainda respalda esta ideia quando elabora que, para que se apreenda a complexa realidade global, ou seja, o todo onde o objeto de pesquisa a ser trabalhado está circunscrito, é imprescindível num primeiro momento “a construção de uma filosofia menor, isto é, uma metageografia que ofereça um sistema de conceitos capaz de reproduzir, na inteligência, as situações reais enxergadas” (SANTOS, 2004, p.114).

Assim, tem-se a paisagem e espaço geográfico como categorias que necessitam de permanente atualização, visto que estão em constante transformação, como organismo de alteração do espaço.

2. A DINÂMICA REGIONAL

A região Noroeste (figura 01) tem como singularidade uma dinâmica intensa quando reportado ao seu cenário agrário, que desde sua colonização perpassou por momentos diversos sempre impulsionados pelo anseio em atender ao mercado das *commodities* agrícolas. O histórico de ocupação desta região paranaense em muito se confunde com a própria ascensão da economia cafeeira no Paraná, que foi em grande parte responsável pela abertura ao povoamento da porção estadual Norte como um todo, bem como pela determinação da forma de ocupação da terra e estrutura fundiária agrícola vigente àquela época.



Figura 1: Localização da área de estudo – Mesorregião Noroeste do Paraná

Fonte: Adaptado de IPARDES, 2004

O período de maior dinamismo da cafeicultura, situado entre meados da década de 1940 e a década 1970, desde o pós-guerra, teve como cenário principal para sua expansão, as terras do Norte paranaense, sobretudo as regiões do Norte Central e Noroeste, que por sua vez apresentam características bastante diferenciadas no que se refere à estrutura geocológica.

Situada, em toda a sua extensão territorial, no Terceiro Planalto ou Planalto do Trapp do Paraná, o qual é constituído por derrames basálticos (Maack, 1981), localmente recobertos pela Formação Caiuá, uma camada de origem eólica e fluvial que se depositou sobre estes derrames de trapp dando origem a solos com baixo teor de argila, baixa ocorrência de metais pesados e textura arenosa, a região Noroeste mostrou-se apta num primeiro momento ao plantio da cultura cafeeira.

Dada a conformação de sua paisagem bastante uniforme, a partir de um relevo suavemente ondulado e características climáticas favoráveis, a saber, sua localização ao norte do Paralelo 24, também conhecido como a “linha da geada”, onde o risco de ocorrências de geadas mais severas é bem menor, o cafezal adentrou essas áreas, a despeito dos solos tipicamente arenosos, aproveitando-se das primeiras camadas férteis do solo ainda inexplorado. Assim, ainda que os solos mais arenosos não fossem tão favoráveis às lavouras cafeeiras como os conhecidos solos provenientes de basalto do Norte Central (popular “terra roxa”, extremamente fértil), isso não impediu o rápido avanço deste cultivo por essas terras já que, por outro lado, o relevo e o clima em muito favoreceram sua expansão.

O predomínio da cultura cafeeira destinada ao mercado externo, associada às culturas de subsistência, o trabalho familiar na lavoura, o vínculo com a terra e a estrutura fundiária baseada na pequena propriedade, perdura até meados da década de 1970 nesta região. É no ano de 1975, quando, aliada a uma crise conjuntural, política e econômica, de superprodução do café, e consequentes políticas de desestímulo e erradicação deste cultivo, as lavouras são atingidas por uma geada fulminante, a denominada “geada negra”, que põe fim a uma época áurea no cenário regional.

Com o cafezal completamente dizimado, o agricultor não vê mais perspectivas favoráveis para a retomada deste plantio, visto que após algumas décadas de uso intensivo do solo, a fertilidade natural encontrada nos solos ainda virgens não mais sustenta a lavoura. Neste caso, para dar continuidade ao plantio do café, seria necessário um alto investimento para a recuperação destas terras agora já fragilizadas, o que tornou-se inviável dadas as poucas técnicas de manejo e correção de solo existentes à época, bem como o desestímulo fiscal e financeiro dos produtores agora em grande parte descapitalizados.

Assim, embora as lavouras tenham sido completamente erradicadas, as marcas e as formas herdadas que outrora constituíram aquela paisagem dominada pela monocultura cafeeira, não desapareceram assim tão rapidamente, mas acabam sendo sobrepostas pelas marcas e imposições do novo modelo agrícola que lhe sucede.

As transformações, ocorridas em um período de tempo curto, foram bastante significativas, visto que incluíram não apenas a mudança na pauta de cultivo agrícola, ou seja, a diversificação, diretamente direcionada e incentivada pelo poder público aliado aos auspícios do grande capital, mas ainda toda uma reconfiguração no espaço agrário e urbano da região. Agora, no lugar do café como principal produto de exportação, as lavouras adentram em uma nova fase, onde ganha espaço tanto as lavouras temporárias (soja e milho), quanto as pastagens plantadas, sendo este o caso do Noroeste paranaense.

No contexto agrário regional, a diversificação de culturas, especialmente a entrada das pastagens como carro chefe de uma economia essencialmente voltada para o setor agrícola, representou um conjunto de transformações que culminam tanto na mudança da teia de relações sociais e econômicas, quanto nas formas constituintes da paisagem. Tais transformações alcançaram assim diversos âmbitos, a saber, a estrutura fundiária (que passa a ser tipicamente concentrada, visto a necessidade de grandes áreas para a lucratividade desta nova atividade), as relações de trabalho (a mão de obra familiar é substituída pelo assalariamento), a proletarianização do trabalhador rural (que alijado de seu lugar de sobrevivência, a terra, passa a ser um proletário urbano), êxodo rural (muitos produtores vendem suas terras por não terem condições de adentrarem ao novo modelo agrícola e migram para o espaço urbano) e a passagem de um centro de atração populacional para um centro de expulsão (o esvaziamento populacional veio com a migração em massa para novas fronteiras agrícolas do país, onde os pequenos produtores buscavam condições de continuar sua sobrevivência na terra).

O espaço agrário com todos os seus elementos, sofre tais transformações, pois entende-se que cada qual encontra-se interligado ao outro, trazendo reflexos em sua estrutura. Neste sentido cabe aqui ressaltar a conceituação de Milton Santos (2004), quando postula que o espaço geográfico é formado a partir de um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ação, sendo que os mesmos não podem ser tomados separadamente, para este autor “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos

e sistemas de ações não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (SANTOS, 2004, p. 63).

Atualmente, o modelo agrícola mais recente no espaço regional está vinculado não apenas às áreas de pastagens (gado de corte), mas ainda as lavouras de cana-de-açúcar interligadas a presença de diversas usinas sucroalcooleiras instaladas em sua maioria a partir da década de 1970 com o incentivo governamental de fomento a este setor (Proálcool), além das lavouras de citros (laranja), mandioca, bicho da seda, aviários, dentre outras atividades, sempre vinculadas ao setor agroindustrial. Isso demonstra que o espaço agrário regional se encontra cada vez mais vinculado e dependente do movimento do mercado agrícola global que, por sua vez, é comandado pelos interesses do grande capital e cada vez menos deixando alternativas viáveis para a sobrevivência dos pequenos produtores.

3. DO ESPAÇO GEOGRÁFICO E DA PAISAGEM: NOÇÕES À GUIA DE UMA CONTEXTUALIZAÇÃO

Num primeiro momento se faz imprescindível distinguir, para efeito de melhor compreensão, as matrizes conceituais “espaço geográfico” e “paisagem” aqui utilizadas. Embora o intuito aqui não perpassa por uma discussão conceitual pura ou direta destes conceitos, é oportuno reaver este ideário próprio da ciência geográfica dentro de uma abordagem contextualizada ao objeto de estudo desta pesquisa. Esta perspectiva interpretativa contextualizada favorece a melhor compreensão dos fatos geográficos, pois não se restringe a um mero corpo teórico como embasamento de estudos, mas busca a relação intrínseca entre conceito e objeto de estudo, colocando assim a teoria a serviço da prática como bem salienta Bourdieu (1989, p. 60) quando diz que “tratar da teoria como um *modus operandi* que orienta e organiza praticamente a prática científica é, evidentemente, romper com a complacência um pouco feiticista que os “teóricos” costumam ter para com ela”.

Partindo então da premissa de que espaço geográfico e paisagem não se configuram como sinônimos, clarificamos, a partir do melhor entendimento destes termos e conceitos, serem os mais adequados e consistentes para a interpretação da realidade envolvida nesta pesquisa tanto como para o objeto estudado, a saber, o espaço agrário da região Noroeste do Paraná.

O conceito de espaço passa de fato a ganhar evidência e relevância nos estudos geográficos a partir da década de 1950. Passa então a ser entendido a partir de duas óticas, de acordo com Corrêa (1995), na primeira delas é percebido a partir de uma superfície uniforme, onde seus diversos elementos constituintes são homogêneos (clima, cobertura vegetal, ocupação humana, densidade demográfica, renda, padrão cultural) e “sobre esta planície de lugares iguais desenvolvem-se ações e mecanismos econômicos que levam à diferenciação” (CORRÊA, 1995, p. 21).

Numa segunda perspectiva, vem representado por uma matriz e sua expressão topológica, onde se destacam os estudos de temas como redes, nós, hierarquias e superfícies ainda sob a luz de uma visão lógico-positivista.

Em busca de romper com estas concepções elaboradas dentro do bojo positivista, a partir da década de 1970, surgem diferentes contribuições acerca do entendimento do espaço geográfico, lançando as bases de uma visão marxista sobre a temática. Aqui podemos destacar a influência de Karl Marx e Henri Lefèbvre sobre alguns geógrafos adeptos a esta linha de pensamento, como Milton Santos e Horácio Capel, sendo Santos aquele que primeiramente apontou o espaço como o objeto da geografia. Em linhas gerais, o espaço passa agora a ser entendido como agente de sua condição, ou seja, fator social e não meramente como um reflexo social.

É possível ainda apontar outros caminhos procurados para se compreender tal conceito, diferentemente àquela ideia de espaço como algo concreto, mas sim voltados para uma abordagem abstrata e subjetiva. Neste âmbito, Spósito (2004, p.100) trata sobre um desses caminhos, evidenciado a partir da década de 1970, e conduzido pela chamada corrente humanista ou cultural da geografia, que buscava a partir de uma crítica às bases lógico-positivistas, decifrar o espaço a partir de seus significados, de seus aspectos subjetivos, perceptivos, através de uma abordagem com bases filosóficas na fenomenologia e no existencialismo. Contudo, como se posiciona Spósito (2004, p. 101), “embora essa corrente não deva ser minimizada, a disseminação dos estudos ligados a ela, que remontam à década de 1970, tem sido muito limitada, especialmente no Brasil”.

Avançando em busca de melhor compreensão sobre o espaço, entende-se que o mesmo não deve ser encarado como um produto pronto e finalizado visto estar em constante processo de

transformação, o que lhe atribui um caráter aberto, conforme tratado por Milton Santos (2004) quando fala sobre a totalização, como sendo o processo constante de mudança que o caracteriza, e Doreen Massey (2008) quando o reconhece como um produto que jamais está acabado. A referida autora, geógrafa inglesa, ainda estabelece algumas proposições importantes para uma abordagem alternativa que evidencie uma nova forma de se pensar o espaço. Num primeiro aspecto, classifica este conceito como produto de inter-relações, constituído assim por meio de interações nas mais diversas escalas. Em segundo lugar o compreende como ambiente que possibilita a existência da multiplicidade, onde diversas trajetórias coexistem. E por fim, o reconhece como estando em constante construção.

Precisamente porque o espaço, nesta interpretação, é um produto de relações-entre, relações que estão, necessariamente, embutidas em práticas materiais que devem ser efetivadas, ele está sempre no processo de fazer-se. Jamais está acabado, nunca está fechado. Talvez pudéssemos imaginar o espaço como uma simultaneidade de estórias-até-agora (MASSEY, 2008, p. 29).

Ainda pensando a partir do prisma do espaço geográfico, Suertegaray (2001, p. 04), expressa que é possível reconhecer que o mesmo,

(...) se forma (no sentido de formação, origem) e se organiza (no sentido de funcionalidade), projetando-se como determinação ou como possibilidade. Esta projeção se faz por avanços (seta) e retornos (ciclo). Neste contexto, o espaço geográfico é a coexistência das formas herdadas (de uma outra funcionalidade), reconstruídas sob uma nova organização com formas novas em construção, ou seja, é a coexistência do passado e do presente ou de um passado reconstituído no presente.

Dado este caráter inconstante e incompleto do espaço, o mesmo leva a tal existência simultânea de formas herdadas e em formação, o que inevitavelmente aponta para uma de suas categorias analíticas internas, a paisagem, dada sua intrínseca relação com o reconhecimento das formas ou materialidades. Assim, no caminho em busca da apreensão da realidade referida ao objeto de estudo deste trabalho, assinala-se a conceituação postulada por Milton Santos (2004, p.103) quando se refere à paisagem como “o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e

natureza”. Entendendo que tal conceito a partir deste espectro, o objeto de estudo escolhido revela-se bastante rico e complexo, dada a riqueza das formas encontradas no espaço regional no que se refere à intensificação das relações capitalistas no campo, ou ainda melhor, no contexto agrário.

A preocupação que surge, em alicerçar os conceitos abordados à realidade que se analisa, fundamenta-se em primeira instância, pelo próprio caráter processual de formação de uma paisagem, conforme lembra Passos (2006, p. 75) quando relata que “a paisagem é produzida historicamente pelos homens, segundo a sua organização social, o seu grau de cultura e o seu aparato tecnológico”. Neste âmbito, torna-se imprescindível o reconhecimento do processo histórico envolvido na formação de uma paisagem, bem como de suas outras dimensões constituintes: a natural e a social.

Trabalhando assim com este cenário regional/local e com os conceitos então mencionados, entende-se que a paisagem não pode ser equiparada a “meio natural”, visto que a paisagem não apenas se restringe a um quadro natural intocável, ou ainda, mesmo que antropizado, mas simplesmente constituído por elementos da chamada “natureza” em si, como em muito creditado ao senso comum. À paisagem lhe é imputada uma carga essencialmente cultural, esculpida e confeccionada pelo homem/sociedade a partir de seu relacionamento homem-meio, o que lhe confere um caráter peculiar, único e singular, como avalia Cauquelin (1983), quando citado por Passos (2006, p. 53):

A natureza não é paisagem. De um lado, a natureza existe em si, enquanto que a paisagem existe somente em relação ao homem, à medida que este a percebe e a elabora historicamente. De outro lado, a natureza é uma extensão sem nome, enquanto que a paisagem está ligada a um lugar e é personalizada por ele, isto é, “uma extensão natural [...] não faz paisagem senão quando nós destacamos um fragmento”.

Ainda conforme analisa Passos (2006), sabe-se que o meio natural encontra-se inserido em um complexo onde interage apenas com os elementos “energia” e “matéria”, já a paisagem configura-se mais complexa, pois está relacionada aos processos que envolvem sua relação com o homem.

O processo paisagístico, ou ainda a formação de uma paisagem, como apontado por Vitte (2007), pode ser considerada como o resultado direto da intencionalidade humana na superfície terrestre. Quer no passado ou no tempo presente, a sociedade produz sua marca no espaço que fica registrada na paisagem, por meio dos mais variados meios técnicos e científicos, sendo a mesma considerada então uma representação do espaço.

Contudo, ainda tendo em mente que o espaço rural possa, de modo geral, comportar maior número de elementos naturais se comparado aos elementos humanos, estes componentes naturais estão assim arranjados em uma lógica engendrada por uma realidade dominante, comandada agora sim, pelo fator humano. A paisagem rural, envolvendo a organização social e econômica que por sua vez engloba em seu espectro os elementos naturais, precisa ser entendida “como um conjunto no qual os elementos naturais se combinam dialeticamente com os elementos humanos”, como esclarecido por Passos (2006, p. 79).

Ainda neste sentido, Bolós (1992) citada por Manosso (2012), esclarece que a diversidade encontrada em uma paisagem rural aparece como resultado da forma de ocupação e exploração do território bem como dos recursos naturais presentes, e assim, a diversidade espacial da paisagem também se baseia nas diferentes formas de uso e exploração próprias de cada cultura e nas características naturais das paisagens.

Partindo deste princípio, tem-se em Christofolletti (1998), a ideia de que a paisagem possibilita a compreensão do espaço como um sistema ambiental, físico e socioeconômico, com estruturação, funcionamento e dinâmica dos elementos físicos, biogeográficos, sociais e econômicos.

Paul Claval, em sua obra “A Geografia Cultural” (1999), trata a paisagem como um produto das relações entre sociedade e natureza, estabelecendo que a partir desta relação, a mesma pode ser representada pela apropriação, ocupação e transformação do espaço pela sociedade, sendo assim um processo cultural, pois se criam bens materiais, valores, modos de produção, pensar e perceber o mundo.

De acordo com os estudos realizados por Bertand (2009), a paisagem consiste em um sistema, ou ainda, polissistema, visto que em seu interior, abriga diversos sistemas articulados, mas em muitos casos, bem delineados e particularizados, o que confere uma noção de complexidade a paisagem analisada.

O processo paisagístico, desenvolvido a partir de um feixe de interações de uma tal complexidade, pode ser considerado como um “polissistema” reagrupando sistemas complexos em si mesmos, mas bem individualizados e funcionando de modo mais ou menos autônomo (sistema natural e sistema social, sistema de produção econômica e sistema de representação cultural, etc.) (BERTRAND, 2009, p. 222).

Muitas vezes é possível deparar-se com realidades paisagísticas onde seus diversos elementos ou sistemas não possuem uma sincronicidade direta no quesito tempo, o que representa uma defasagem têmporo-espacial. Este é um quadro bastante nítido no contexto desta pesquisa, especialmente quando colocado em pauta as especificidades apresentadas pelo sistema natural da região, leia-se aqui formação geológica e solos. Os solos da região Noroeste do Paraná são predominantemente oriundos da Formação Arenito Caiuá, uma das litologias do Grupo Bauru, grupo este que se desenvolve a partir do Cretáceo Inferior, originando assim, por meio de sua intemperização, solos tipicamente arenosos e friáveis, como sinaliza Santos et al (1991).

Esta herança geológica em muito ultrapassa a duração da história humana, ou ainda do desenvolvimento de uma sociedade e de seus diferentes sistemas de produção sobre estes solos. Este fato aponta para a preocupação de investigar não apenas esta defasagem têmporo-espacial entre natural e o social, apontada por Bertrand (2009), no processo de formação da paisagem, mas leva ainda a considerar as marcas ou heranças que remetam ao cenário paisagístico dominante atual da área de pesquisa.

A partir de uma análise e verificação um tanto mais consubstanciada da paisagem regional em questão, torna-se bastante evidente neste cenário a imposição e dominação de um modelo econômico essencialmente voltado aos interesses do capital, que através de suas relações, especialmente no que tange ao cenário agrário, favorece ou induz a sua difusão e reprodução. Contudo, não é a despeito de suas condições ecológicas, que a paisagem regional, marcada pelo modelo capitalista no campo, foi sendo moldada, considerando que, mesmo que o sistema de referência social e sua estrutura material (ecológica) possam tornar-se cada vez menos dependentes, este sistema natural ainda exerce seu poder de influência neste processo. Deve-se, no entanto considerar que:

A paisagem, embora transformada em um produto social finalizado, não deixa de constituir uma realidade ecológica. Seu conteúdo socioecológico e seu envelope ecoespacial podem ser delimitados. Nesta perspectiva, a “vocação natural” e o “determinismo natural” se apagam diante da determinação técnica e cultural. O determinismo natural torna-se, então, um determinismo social que representa muito na produção da paisagem. Se o sistema de produção muda, toda a relação paisagística será modificada em consequência, exceto alguns elementos que podem manter-se por inércia e constituir os casos de histerese (BERTRAND, 2009, p.224).

Entendendo assim, que as condições ecológicas, que caracterizam o sistema natural, assinaladas no contexto regional, tão expressivas por diferenciarem sua litologia, solos, relevo, se comparadas àquelas encontradas no restante da grande região Norte paranaense, delinearam no quadro paisagístico regional suas singularidades, sem, no entanto determiná-las. O modelo econômico e cultural alavancado pelas profundas e alicerçadas relações capitalistas no campo em muito direcionaram o desenho paisagístico atual do contexto regional, mesmo considerando existente, independentemente da percepção do observador, a materialidade pré existente “que enraíza a paisagem no espaço e determina um envelope e um conteúdo comuns a todas as representações paisagísticas desta porção do espaço”, como esclarece Bertrand (2009, p.226).

Ao escolher situar a análise da paisagem entre a natureza e a sociedade nós exploramos, entre outras, uma via ainda pouco frequentada, mas que oferece a possibilidade de resituar a natureza na dinâmica social e a sociedade na dinâmica natural (BERTRAND, 2009, p. 227).

Para Mateo Rodriguez et al (2004) a paisagem consiste em um conjunto inter-relacionado de formações naturais e antroponaturais, podendo ser considerada como um sistema que contém e reproduz recursos, como um meio de vida das atividades humanas, como um laboratório natural e como fonte de percepções estéticas. A paisagem constitui então, uma formação complexa caracterizada pela estrutura e heterogeneidade na composição dos elementos que a integram (seres vivos e não-vivos), pelas múltiplas relações e variação dos estados, além da diversidade hierárquica (MATEO RODRIGUEZ et al., 2004, p. 18).

Neste mesmo sentido, Bolós (1992) citada por Nucci (2010), avalia sobre a soma das formas constituintes da paisagem, visto que estas formariam um mosaico aparentemente

homogêneo, mas que em uma análise mais aprofundada, apresentaria detalhes importantes que permitiriam verificar as singularidades. Estas particularidades, por sua vez, apresentam um ordenamento espacial relacionado à estrutura e funcionamento do conjunto, formando assim uma paisagem específica.

Deste modo, coloca-se em pauta a dinâmica intensa e singularizada do Noroeste paranaense, no que se refere a intensificação de sua dinâmica e a ação do capital na esfera agrária. Cada uma de suas especificidades, formadas ao longo do tempo, desde a época de sua colonização, revelam nuances que, em conjunto, a caracterizam como um espaço único e com uma paisagem singular.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É então possível identificar diferentes fases que se superpõe no contexto agrário do Noroeste paranaense, desde o período de sua colonização com a cultura cafeeira, sendo posteriormente substituída pelas pastagens plantadas e mais recentemente sendo acrescentadas as lavouras temporárias da cana-de-açúcar e mandioca e as lavouras permanente da laranja. Todas estas culturas, carregam junto a si um modelo de sistema agrícola que envolve muito mais do que uma mera mudança de pauta agrícola ou sistema de plantio. Uma série de transformações na organização deste espaço, decorrente dos diferentes modelos agrícolas que se superpõem, sempre regidos pelo interesse dos principais agentes e financiadores destes modelos, entenda-se, o governo e o grande capital agroindustrial, refletem também em alterações profundas na conformação da paisagem regional. Toda a estrutura organizada para dar base ao bom andamento de uma cultura, vê-se obsoleta ao deparar-se com o advento de uma nova cultura a qual requer uma reestruturação, reorganização e rearranjo do espaço envolvido.

Essa dinâmica no contexto agrário da região Noroeste do Paraná caracteriza a formação de uma nova paisagem regional, profundamente arraigada na concentração fundiária, cedendo cada vez mais espaço aos grandes empresários rurais sempre ligados em alguma das pontas ao setor agroindustrial, em detrimento do pequeno produtor rural que quase já não encontra mais espaço para sua sobrevivência.

A reorganização e rearranjo espacial afetam assim, diretamente todos os elementos e agentes formadores do espaço geográfico em questão e resultam em transformações dos elementos e do conjunto da paisagem em si. Daí a preocupação e a pertinência em se utilizar dos conceitos geográficos de espaço geográfico e paisagem como um meio não apenas de analisar e reconhecer estas transformações no contexto agrário regional, mas ainda dar embasamento para melhor compreensão dos processos vigentes abrindo espaço para possíveis planejamentos e reordenamentos espaciais mais justos e igualitários do ponto de vista social e econômico.

REFERÊNCIAS

- BERTRAND, Claude e BERTRAND, Georges. **Uma geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades**. Maringá: Massoni, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- CHRISTOFOLETTI, A. Aplicabilidade do conhecimento geomorfológico nos projetos de planejamento. In: GUERRA, A. J. T. & CUNHA, S. B. da (Org.). **Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. UFSC, 1999.
- CORRÊA, Roberto L. Espaço, um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, Iná E. et al (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 15-47.
- CURTY, Marlene G. **Apresentação de trabalhos acadêmicos, dissertações e teses: (NBR 14724/2005)**. 2.ed. Maringá: Dental Press, 2006.
- FONSECA, Fernanda P. **O Projeto “Arenito Nova Fronteira” e o Avanço das Lavouras Temporárias nas Terras de Pasto**. 2006. Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2006.
- IPARDES. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Leituras regionais: Mesorregião Geográfica Noroeste Paranaense**. Curitiba: IPARDES: BRDE, 2004. (Disponível em Cd-rom).
- MAACK, R. **Geografia Física do Estado do Paraná**. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio; Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte do Governo do Estado do Paraná, 1981.

MANOSSO, Fernando C. **Potencialidades da paisagem na região da Serra do Cadeado-PR:** abordagem metodológica das relações entre a estrutura geocológica, a geodiversidade e o geoturismo. 2012. Tese (Doutorado) – UEM, Maringá, 2012.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço:** uma nova política da espacialidade. Tradução de Hilda Pareto Maciel; Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MATEO RODRIGUEZ, J. M.; SILVA, E. V.; CAVALCANTI, A. P. B. **Geocologia das Paisagens:** uma visão geossistêmica da análise ambiental. Fortaleza: Editora UFC, 2004.

NUCCI, João C. **Planejamento da Paisagem como subsídio para a participação popular no desenvolvimento urbano.** Estudo aplicado ao bairro de Santa Felicidade – Curitiba/PR. Curitiba: LABS/DGEOG/UFPR, 2010.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A Geografia Agrária e as Transformações Territoriais Recentes no Campo Brasileiro. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (Org). **Novos Caminhos da Geografia.** São Paulo: Contexto, 2001. p. 63-110.

PASSOS, Messias M. **A raia divisória:** geossistema, paisagem e eco-história. Maringá: Eduem, 2006.

_____. **Biogeografia e Paisagem.** Presidente Prudente: UNESP – PPGE, 1988.

PESSÔA, Vera L. S. Geografia e Pesquisa Qualitativa: um olhar sobre o processo investigativo. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, ano 14, v. 1, n. 23, p. 4-18, 1. Sem. 2012.

SANTOS, Manoel L. dos. et al. (Orgs.). Degradação Ambiental no Noroeste do Estado do Paraná. **Boletim de Geografia**, Maringá, ano 9, n. 1, set. 1991.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4 ed. 1. Reimpr. São Paulo: Edusp, 2004.

SPÓSITO, Eliseu S. **Geografia e filosofia:** contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

TRIVIÑOS, Augusto N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2012.

VITTE, Antonio C. O desenvolvimento do conceito de paisagem e a sua inserção na Geografia Física. **Mercator**, Revista de Geografia da UFC, ano 6, n. 11, 2007, p.71-78.

Submissão em: 19/10/2015

Aceito em: 21/05/2016